

“FUTEBOL AMERICANO: BORRANDO FRONTEIRAS”.

Colégio Santa Clara.
Alexandre Vasconcelos Mazzoni.

A ideia de problematizar a manifestação cultural Futebol Americano surgiu em uma discussão ocorrida com uma turma do 2º ano do ensino médio, mais precisamente com o 2º A no 1º semestre de 2010 e foi desenvolvida em uma instituição de ensino confessional situada na cidade de São Paulo.

Essa instituição foi fundada pela “Congregação das Irmãs Franciscanas Missionárias de Coração Imaculado de Maria”, nos anos 60, no bairro de Vila Madalena.

Hoje, o colégio Santa Clara, além de receber crianças e adolescentes do bairro, atende, também, famílias de outros locais mais distantes, com o objetivo descrito no Projeto Político-Pedagógico de contribuir na formação de cidadãos críticos, participativos e que possam colaborar nas transformações sociais.

O estabelecimento de ensino está localizado na Vila Madalena, bairro nobre da capital e são ministrados cursos desde a educação infantil até o ensino médio.

Essa turma já citada faz parte do ensino médio e vem discutindo e estudando as manifestações corporais através do viés da teorização cultural.

Durante as conversas em sala de aula e na quadra, percebi a empolgação que o tema Futebol Americano gerava com a turma, pois, muitos alunos viajam constantemente para os EUA e têm experiências e vivências muito fortes com a cultura norte-americana. Alguns alunos e alunas já moraram no país, fizeram intercâmbio ou passaram períodos para estudar a língua. No entanto, durante as discussões, uma parcela da turma apontava para uma outra manifestação: o Rugby.

Deste modo, tínhamos um dilema: tematizar o Futebol Americano ou o Rugby. Práticas vindas de países e culturas diferentes, porém, com pontos em comum quanto à origem. Pedi para os alunos que analisassem e lançassem alguns argumentos a respeito das práticas para que pudessemos escolher a manifestação. Lancei alguns questionamentos: Quais eram os argumentos para estudar uma ou outra prática? Era a influência da cultura norte-americana? E a cultura inglesa?

Assim, começamos a coletar dados sobre as duas práticas em termos de origem e historicidade para subsidiar as próximas discussões.

O Football, como tratam os norte-americanos, surgiu de uma variação do Rugby (construção inglesa) que foi trazido para os EUA em 1867. A prática foi levada para 3 universidades: Havard, Yale e Mackenzie e sofreu modificações nas suas regras, vestimentas e objetivos. O Futebol Americano foi então ressignificado com base em metáforas e estratégias militares como: Avançar a bola em território inimigo. Assimilar território. Utilizar-se de

*escaramuças*¹. Marcar posses. Usar a força física e outras representações particulares do povo norte-americano. Assim, o esporte começou a caracterizar-se como uma luta pelo espaço físico, linhas de frente claramente definidas, que se movem para frente e para trás ao longo do campo, separando as equipes de ataque e defesa, unidades ofensivas e defensivas, equipes especiais em determinados momentos do jogo, equipamentos de proteção e muitos outros aparatos.

A prática foi incorporando a *identidade cultural*² norte-americana marcada pela idéia de super potência mundial, competitividade, onipotência, estrategismo, líder em tecnologias... *Ideologias*³ frequentes nas representações dessa nação.

Na outra aula retomamos as diversas narrativas para escolhermos a manifestação. Ouvi as seguintes falas: “O Futebol Americano é mais legal, tem equipamentos”! “O Rugby é mais chato, ficam todos amontoados”. “Rugby não tem choque”! “Futebol Americano tem mais ação”. “*Super Bowl*⁴, é da hora”. Muitas falas já evidenciavam que os alunos tinham buscado dados sobre as práticas e tentavam sustentar-se neles. Foi um embate interessante. Depois de muito diálogo escolhemos a manifestação Futebol Americano. Ao continuar o mapeamento e focado no tema central, percebi algumas questões nas falas dos alunos sobre:

- a) Violência no esporte, “O Futebol Americano é muito violento”. “Existem muitas lesões”. “Morrem muitas pessoas”. “É só pancada”.
- b) Relação racial no esporte. “Os EUA são muito preconceituosos”. “Existem bairros só de negros”. “Os negros são mais fortes nos esportes”. “País racista”.
- c) Organização do esporte. “Existem várias ligas no Futebol Americano”. “Liga universitária”. “Liga profissional”.

Diante desse mapeamento através das falas, dos posicionamentos e das representações dos alunos, decidi, então, relacionar a prática às questões raciais que ocorreram e ocorrem num país tido como exemplar e de 1º mundo. Um paradoxo a ser analisado: Um país de 1º mundo com sérios problemas raciais. Será que só por ser desenvolvido há garantias de não existir essas relações? Como foram construídas essas relações? Durante as diversas discussões percebi ideologias empregnadas fortemente nas falas dos alunos sobre a supremacia branca e assim, seria uma oportunidade importante para desconstruir certas falas e posturas.

Outro fator que me levou a direcionar o trabalho para a relação racial foi que o colégio não tem alunos negros, apenas alguns professores e funcionários.

¹ Formações de ataque e defesa vindas das manobras militares.

² Segundo Hall (2005) são representações e significados daquela determinada cultura.

³ Segundo Hall (2003) concebe a ideologia como a estrutura de pensamento (linguagens, conceitos, categorias, sistemas de representação) usada nas diferentes sociedades e classes para compreender, resolver e atribuir significado ao mundo social e político, tornando inteligível aos indivíduos a forma como a sociedade funciona.

⁴ Jogo final da liga NFL (National Football League) disputada entre os campeões da AFC (American Football Conference) e da NFC (Nacional Football Conference). É o jogo mais assistido no mundo, sendo transmitido para mais de 180 países.

Um ambiente cômodo com relação a essa questão e que não condiz com a sociedade em que vivemos. Uma sociedade globalizada, multicultural, excludente e voltada a produção de bens de consumo. Porém, por ser uma instituição confessional franciscana tem como objetivo principal a ajuda as classes desprivilegiadas independente das diferenças raciais, étnicas, localidades, linguísticas.

Nessa instituição existem muitas irmãs com vivências e experiências em diferentes culturas e em diferentes realidades étnicas pelo mundo (África, Itália, Oriente Médio...) com comunidades desprivilegiadas e que lecionam para esses alunos trazendo novos olhares e narrativas diferenciadas. Isso possibilita o acesso e entendimento do olhar do subjugado. Fundamento importante nos Estudos Culturais⁵.

Portanto, o fator racial para os alunos, pelo menos no espaço escolar, parece muito distante e, assim, seria uma oportunidade para questionar essas identidades no meio escolar e conseqüentemente na sociedade. Como a sociedade construiu e constrói essas relações raciais? E o esporte em questão?

Somado a esses fatores, temos também o estudo que os alunos fizeram no ano anterior a respeito das décadas de 1950/60 nas aulas de Historia. Analisaram criticamente os conflitos segregacionistas e raciais em todo o mundo com a Guerra do Vietnã, os embates políticos e sociais com a Guerra Fria, os acordos feitos em Genebra para determinar as divisões do Vietnã em norte (comunista) e sul (capitalista), os confrontos e as repressões raciais no território norte-americano e muitos outros fatos que marcaram decisivamente esse período.

Segundo Medeiros (1999), os Estados Unidos da América (EUA) foram, no mundo contemporâneo, um dos portos de chegada de imigrantes. Mais de quarenta milhões desembarcaram nesse país entre o fim do século XIX e o final do século XX. Historicamente, porém, não foi nada fácil a convivência entre os índios nativos da terra, negros trazidos como escravos e brancos originários da imigração. O ideal de país para boa parte da classe média norte-americana no século XX era aquele segundo o qual só os brancos, anglo-saxões e protestantes podiam exercer plenamente os direitos de cidadãos.

Se, por um lado, o povo dos EUA presenciou a Ku Klux Klan, organização racista que perseguiu, surrou, enforcou e queimou negros por quase um século, procurando lembrar a todos os cidadãos daquele país que a abolição da escravidão sancionada pelo presidente *Lincoln*⁶ não era

⁵ Área de investigação e de intervenção que concebe a cultura como um campo de luta em torno da significação social. A cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla. O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos, entre eles, os subjugados.

⁶ Abraham Lincoln, eleito em 1860 com o apoio dos estados do norte, desencadeou a reação do sul escravista, dando inicio a guerra de secessão americana. Responsável pela abolição dos escravos em janeiro de 1865, foi assassinado no mesmo ano, por um sulista escravocrata.

para valer, por outro, conheceu também uma reação organizada dos negros, para fazer frente a esses absurdos.

Em meados do século XX, surge a associação nacional para o progresso das pessoas de cor. No final da década de cinquenta, aparece no conturbado cenário dos conflitos raciais norte-americanos aquela que se tornaria a mais importante voz pela defesa dos direitos dos negros e pela constituição de uma sociedade pluriétnica e verdadeiramente democrática: o reverendo Martin Luther King. Fervoroso adepto das ideias do libertador e político pacifista indiano Gandhi. Luther King pregava a não violência, a resistência pacífica e a desobediência civil e foi por meio de memoráveis campanhas contra as leis segregacionistas existentes como: a proibição de utilização de lugares públicos para os negros, a separação de ônibus para negros e brancos, de banheiros e, principalmente, pelo direito do voto que esse líder tornou-se um mito.

Houve também nos EUA o surgimento de grupos radicais que pregavam a luta corpo a corpo, como os Panteras Negras que tinham como gesto característico erguer os punhos para o alto, conclamando o Black Power, isto é, a resistência negra.

Todos esses conhecimentos foram debatidos e discutidos nas aulas de História de uma forma participativa, crítica e atrelada à construção de novos significados. Esse estudo detalhado fundamentou nossas análises frente à prática do Futebol Americano, pois, ancorou a manifestação nas questões sociais, políticas e econômicas daquele momento. Um momento muito conturbado para os EUA. Todos esses conhecimentos anteriores foram mobilizados pelos alunos gerando a *ancoragem social dos conteúdos*⁷ que possibilitou saber como foi construída e significada essa prática. Como nasceu o Futebol Americano diante dessas turbulências históricas e sociais? Com quais objetivos? Foram brancos que forjaram essa prática cultural? Quais as representações que essa prática trouxe e traz atualmente? Qual o papel do negro nessa manifestação? O negro, no início, fora dessa prática e depois, dentro, como atleta! Quais as implicações desse novo sujeito? Como as comunidades agem com isso, naquele momento? E atualmente? Enfim, muitas indagações cercadas pelo viés racial.

Diante desse cenário, o objetivo do projeto era analisar e entender as construções e desconstruções da manifestação Futebol Americano com relação ao caráter racial nos EUA e conseqüentemente no mundo. Como expectativa de aprendizagem: identificar, discutir e vivenciar as características, princípios e significados da prática cultural.

Seguindo a sequência das aulas, outro episódio interessante foi o relato de um dos alunos que morou nos Estados Unidos e discorreu sobre a prática cultural, pois, tinha um conhecimento muito grande sobre o Futebol Americano. Quando estava lá, ia aos jogos, conheceu

⁷ Como se construiu historicamente um dado conhecimento. Em que contexto social o conteúdo surgiu, quem propôs historicamente esse conceito e quais eram as ideologias dominantes.

os estádios, praticava na escola e mantinha-se informado das notícias. Falou também, a respeito dos estádios lotados, a venda de produtos, as paradas técnicas no meio do jogo para as propagandas, as líderes de torcidas e outros assuntos que os colegas perguntavam. Todas essas discussões faziam parte do mapeamento do projeto desde as falas para escolhermos a manifestação até o que eles sabiam a respeito da prática. O diálogo coletivo e o registro das falas dos alunos foram primordiais para o início do trabalho.

Após várias aulas no mapeamento, pedi uma coleta de dados e elencamos o caminho a seguir. Os alunos coletaram muitas informações sobre o esporte como: origem, história, campeonatos, ligas, associações, conferências, patrocínio, mídia, propaganda, cultura norte-americana, atletas branco/negro, esporte elitizado, tecnologia, curiosidades, regras, definições de jardas (110m = 120 jardas), Futebol Americano em São Paulo, canais de tv... A minha intenção como mediador do processo era abrir o leque de informações para depois especificar as características e significados do esporte em questão. A coleta de dados foi muito boa e trouxe-nos subsídios para ampliar os conhecimentos.

Um exemplo interessante foi a investigação de uma das meninas em sites norte-americanos. Ela trouxe um texto em inglês sobre o esporte e para facilitar anexou a tradução para os colegas. Um ponto importante dentro da investigação que é o princípio da pesquisa em diferentes fontes. A busca por outras narrativas. Aproveitei o momento para enaltecer o trabalho investigativo da aluna e a relevância do ato de pesquisar como uma forma de vasculhar, indagar, inquirir e descobrir novos conhecimentos em diferentes gêneros textuais (jornais, blogs, revistas, twitters, gibis...).

Em seguida, houve a apresentação das coletas e a opinião dos alunos a respeito do que tinham investigado com o objetivo de socializar e estimular a oralidade.

Na aula seguinte, fomos à quadra para vivenciarmos os movimentos e o arremesso do futebol americano, movimento característico do esporte. Retomamos algumas especificações sobre as regras, materiais e vestimentas que eles tinham coletado. A bola diferenciada. As jogadas. As regras. O que é um *Touchdown*⁸? Os tipos de jogadores (defesa e ataque). A quantidade de jardas no campo. Assim, pedi para formarem grupos para vivenciarem os arremessos. Distribui várias bolas e fiquei observando. Ouvi as seguintes falas: “O arremesso é muito diferente”. “A bola vem de bico”. “Não dá para segurar”. Intervi explicando que a bola devia flutuar. O flutuar da bola no momento do lançamento é muito diferente do gesto feito no Handebol, prática muito frequente no colégio. Apontei também que a nossa quadra media apenas 30m de comprimento por 15m de largura e que no campo de Futebol Americano tinha uma média de 120m por 60m. O ato de agarrar

⁸ Jogada principal com grande pontuação. Conquistado quando um jogador tem a posse legal da bola dentro da zona de finalização.

a bola também foi discutido. A corrida com a bola em deslocamento. Assim, vários alunos apontaram as dificuldades para direcionar o passe e deste modo, a aula foi até o final.

Na aula seguinte fomos para a quadra, retomei os arremessos e propus adaptarmos o esporte ao espaço do colégio com regras definidas por mim e pelos alunos. Colocamos o arremesso e os deslocamentos pela posse da bola na quadra. Elencamos algumas regras básicas para começar o jogo como: 1) Troca de passes sem cair a bola, caso contrário, a bola passa para a outra equipe. 2) Só pode correr com a bola dentro da área de futsal.No restante dos espaços trabalhar o passe. 3) Objetivo do jogo é passar com bola pela linha de fundo. 4) Dependendo da jogada valia uma determinada pontuação. A partir dessas regras começamos o jogo misto. Começamos com 2 grupos e quem queria participar. Depois fomos dividindo o tempo e os outros alunos e alunas foram entrando. Percebi que alguns queriam ver o que ia acontecer para depois, participar. No colégio as aulas são todas mistas, independente da disciplina. Um fato interessante nos jogos foi o momento de amontoar para fazer o Touchdown, as meninas vinham e começavam a empurrar, muito. Esperavam acontecer o choque e depois ajudavam no ato de empurrar para fazer o ponto. Durante as partidas houve momentos de esquemas táticos e reorganizações dos jogadores. As lideranças eram tanto masculinas quanto femininas e, durante os jogos, formavam grupos para discutir o que iam fazer. Adaptavam quem ficava na defesa e quem iria para o ataque. Houve o arremesso de uma área a outra de mais ou menos 30 metros. Houve adaptação e modificação das regras que não estavam boas e várias jogadas. Queriam fazer a melhor jogada ou o melhor arremesso. Na minha opinião, as vivências corporais foram muito boas com integração, respeito e ampliação de movimentos.

Na aula seguinte, fomos novamente para a quadra e fizemos algumas alterações no jogo anterior. Estabelecemos uma forma de chute quando do bloqueio para entrar na linha de fundo. A situação acontecia quando alguém entrava na área de futsal e era bloqueado gerando o amontoado. Se o amontoado permanece-se sem definição da jogada surgia a falta. Então, delimitamos um chute em direção ao gol ou na tabela de basquete. Cada qual com uma pontuação diferente. Acertar na tabela valia mais pontos. Estabelecemos uma pontuação, também, para os arremessos com longa distancia.

Dessa maneira, o jogo foi configurando-se. Na minha análise, percebi alterações significativas nas formas de jogar, negociações para mudar as regras e ampliações de esquemas táticos. Já faziam novos posicionamentos na quadra. Jogadas marcadas. Deixavam o melhor arremessador para iniciar as jogadas ou fazer os lançamentos. Posicionaram os alunos e alunas mais fortes na defesa. Os mais rápidos no ataque. A adaptação à bola foi melhor. Antes passavam e recebiam a bola com dificuldades, agora havia mais técnica.

Seguindo o trabalho, apresentei um filme para acirrar as discussões a respeito da segregação racial no país em questão. “No Limite”⁹ ou “The Express” foi um filme baseado numa história real. Narra a trajetória do jovem atleta Ernie Davis, o primeiro negro norte-americano a vencer o prêmio *Heisman Trophy*¹⁰ e mesmo assim impedido de disputar a Liga Profissional. Ele superou os mais terríveis obstáculos, econômicos e raciais, para se tornar um dos mais rápidos e habilidosos “running back” da história. Sobre orientação de um técnico (branco) linha dura Ben Schwatzwalter, um pai de família obcecado pelo título nacional, Ernie se transforma numa verdadeira lenda do esporte universitário. Após o filme, pedi aos alunos um texto crítico sobre dois momentos que eles acharam importantes. Deveriam descrever e posicionar-se. O objetivo da intervenção pedagógica era transcrever situações do filme que evidenciassem as relações sociais associadas à manifestação cultural. Isto é, percebessem a teia de situações que envolviam o Futebol Americano, a sociedade, as segregações, as arbitrariedades, o poder econômico, o negro como sujeito, a torcida branca e a torcida negra... Situações raciais, econômicas, políticas e culturais moldadas na sociedade e que foram destacadas no filme. Essas análises serviriam de subsídios para as futuras discussões em sala de aula.

Ao entregarem as análises, li os relatos e fiz minhas observações. Devolvi para discutirmos as questões levantadas. Deste modo, selecionei algumas narrativas:

“É um momento que mostra que o preconceito racial é passado, como cultura, de pai para filho, e que, desde pequena, a criança já aprende a tratar os não brancos como inferiores, se achando melhores que os outros”.

“Essa cena oferece ao espectador um panorama preciso das dimensões que a segregação racial havia tomado nos EUA, quando é mostrado que era até mesmo considerado a idéia de montar-se um time mais fraco do que o possível, contanto que não houvesse um negro presente”

“Como na época o preconceito era permitido. A opressão vinha do próprio governo, logo, nada fazia com que as pessoas acreditassem que aquilo estava errado”. Uma situação naturalizada.

“Ao vencer o Cotton Bowl¹¹ sobre o Texas (estado extremamente racista) e ser eleito o melhor jogador, Ernie rejeitou receber o prêmio, pois, no clube só podia entrar brancos”.

“A cena que mostra os negros na lavoura. Não tinham brancos.”

“Ernie, que aprendeu com seu ídolo, Jim Brown¹² a ficar em silêncio e resolver em campo”.

Através desses relatos e muitos outros pudemos discutir as diversas segregações que sofremos na sociedade. A naturalização dos discursos e das posturas. “Não foi só o futebol de Ernie que quebrou barreiras, mas, ele foi apenas uma ferramenta para mostrar as injustiças sociais, políticas e econômicas na sociedade branca norte-americana”. Como a sociedade naquela época

⁹ Filme produzido pela Universal Pictures associado com Relativity Media. Uma produção de Davis Entertainment Company. Filme de Gary Fleder. Comecilizado por DVD vídeo, 2008.

¹⁰ Troféu dado ao melhor atleta da temporada universitária. Até então, conferido a apenas atletas brancos.

¹¹ Torneio que acontece em Dallas, Texas na liga universitária de futebol.

¹² Atleta negro que jogava Futebol e chegou até a liga profissional (NFL)

tratava os negros? Ainda trata? Existe apenas a segregação racial? É como questionou uma das meninas:- *“Como a sociedade está moldada?” “Na desigualdade, no conservadorismo, no individualismo, na produção...”*

“Nós é que temos que fazer algo e acabar com o racismo”. Intervi questionando: será que acaba? Essas situações não são estanques! Resolveu! Existem relações de poder constantes. Existem discursos conservadores idealizados por grupos com determinados fins. E para falar nisso:- Como se quebra o preconceito? Existem outros preconceitos e segregações? E as discriminações? Somente raciais? E as locais: sala de aula, escola, casa, sociedade, países, mundo.

Após várias aulas de discussão, conversei com o professor de física que joga Rugby e pedi se ele poderia conversar com os alunos a respeito das regras, da bola e do arremesso. A minha intenção era confrontar as regras do Futebol Americano e do Rugby e possibilitar detalhes da Física no ato de arremessar do Futebol Americano. Por que a bola é ovalada? A questão da velocidade da bola. Os choques no jogo. A corrida dos jogadores. Assim, os alunos teriam um olhar da mecânica do movimento e suas leis naturais. Após analisar os movimentos do arremesso e esclarecer dúvidas, o professor explicou sobre as diferenças de vestimentas nos dois esportes, o que achava da questão sobre violência nas manifestações, como é o Rugby no Brasil e no cenário internacional e apontou as diversas curiosidades acerca do Rugby.

Na aula seguinte, fomos para quadra com as diversas informações analisadas pelo professor de Física e falei para que o grupo organizasse as partidas com base nas regras da última prática, caso precisassem, poderiam modificar novamente as regras. Deixei que eles resolvessem tudo. Fiquei de fora conversando com os outros alunos e alunas até dar o tempo para colocarmos novos grupos na prática. Houve partidas mistas e algumas só com meninas. Algumas meninas ainda tinham receio de jogar com os meninos, outras, não tinham nenhum problema, inclusive, partiam para cima dos marcadores. Em determinados momentos, entre uma partida e outra, discutíamos sobre o que o professor de Física havia falado e como colocar em prática.

O projeto de uma forma geral teve uma aceitação muito boa. Houve momentos de conflitos, discussões sobre os assuntos ligados a prática, análises dos movimentos específicos da manifestação, muitos movimentos sofrendo adaptações, indagações sobre o arremesso do Futebol Americano, pontos de vista sobre o racismo, pressões sociais, preconceitos sociais... Enfim, houve o acesso a outros conhecimentos da Educação Física Escolar de uma forma crítica e transformadora chegando ao estudo de outras culturas e no final, a abertura a novos questionamentos e futuros projetos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

APPLE, M. **Poder, significado e identidade: ensaio de estudos educacionais críticos.** Porto: Porto editora, 1999.

- CANEN, A e OLIVEIRA, A.M.A. **Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso.** Revista Brasileira de Educação, nº 21, p.61-74.
- GIROUX, Henry A. **Atos Impuros. A prática política dos estudos culturais.** Porto Alegre: Artmed, 2003.
- _____. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional. Novas políticas em Educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- _____. **Os professores como intelectuais: Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- _____. **Da diáspora: identidade e mediações culturais.** Belo Horizonte: UFMG; Brasília: representação da Unesco no Brasil, 2003.
- MEDEIROS, Daniel H. de. **1968: Esquina do mundo.** São Paulo: Editora do Brasil, 1999.
- MOREIRA, A.F. B e CANDAU, V.M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos.** Revista Brasileira de Educação: jul/ago/set/2003.
- NEIRA, M.G. **Ensino de Educação Física.** São Paulo: Thomson Learnnig, 2007.
- NEIRA, M.G e NUNES, M.L.F. **Pedagogia da cultura corporal. Críticas e alternativas.** São Paulo: Phorte, 2006.
- NEIRA, M.G e NUNES, M.L.F. **Praticando estudos culturais na Educação Física.** São Caetano do Sul, S.P: Yendis, 2009.
- NUNES, M.L.F. **Educação Física e esporte: poder, identidade e diferença.** Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2006.
- SILVA, T.T. (org) **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em Educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- _____. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- WOODWARD, K. **Identidade e diferença. A perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.